
Convergências da Ecologia Humana e o Telejornalismo na Construção de um Imaginário Ambiental¹

Andrea Cristiana SANTOS²
Zulenilton LEAL³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O jornalismo televisivo não é apenas um produto midiático informativo, mas um produtor de sentidos. Diante disso, este resumo expandido analisa as convergências que possibilitam pensar as mediações do campo de estudo da ecologia humana e o telejornalismo na construção de um imaginário ambiental. O material empírico utilizado para este estudo é a reportagem, *A Internet das Plantas*, exibido pelo *Globo Rural*, na Rede de Globo, exibido em 2021. A reportagem utiliza tanto recursos técnicos quanto elementos míticos e simbólicos para produzir uma narrativa ecológica e sensibilizar a audiência no que diz respeito a um imaginário ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia humana; telejornalismo; Meio Ambiente; Ecologia das Mídias.

Compreender as narrativas simbólicas e suas lógicas de atuação pode nos estimular a desenvolver senso crítico, estético e interpretativo das ações humanas diante dos diversos contextos socioculturais. Nesse sentido, o campo de estudo da Ecologia Humana traz a perspectiva epistemológica ao favorecer uma discussão holística entre o ser humano e o meio ambiente (Machado, 1984), no qual o ecólogo adota uma práxis reflexiva a respeito dos aspectos macro e microsociais da vida na terra.

Como campo interdisciplinar de conhecimento, a Ecologia Humana é essencial para a compreensão das relações humanas com os diversos ecossistemas e para a formação de uma consciência ambiental (Begossi, 1993). Nessa perspectiva, este estudo analisa as convergências que possibilitam pensar as mediações do campo de estudo da ecologia humana e o telejornalismo na construção de um imaginário ambiental. O estudo se baseia em uma pesquisa exploratória a partir do corpus analítico da reportagem *A internet das Árvores*, publicada pelo Globo Rural, no ano de 2021, comi

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo de Jornalismo em Multimeios da Uneb-BA. E-mail: andcsantos@uneb.br.

³ Professor do Curso de Jornalismo de Jornalismo em Multimeios da Uneb-BA. E-mail : zleal@uneb.br

reportagem especial para comemorar os 41 anos do programa, na qual identifica-se que a narrativa televisiva é tecida por mediações simbólicas.

A hipótese que guia este trabalho é que a narrativa se insere no campo da Ecologia das Mídias, cujo conceito em desenvolvimento sugere que os seres humanos habitam dois tipos de ambientes: o natural, composto por elementos do sistema biótico; e o das mídias, formado por linguagens, imagens, holografias e todos os outros símbolos proporcionados pelos dispositivos técnicos do campo do jornalismo. A problemática de pesquisa é de que as narrativas simbólicas podem nos ajudar a compreender as interações entre humanos e não-humanos para fomentar um pensamento ecológico em que todos aprendem junto com a natureza.

Convergência entre Ecologia Humana e Telejornalismo

O telejornalismo é essencial para que o cidadão possa se informar e exercer a cidadania. Wolton (2004) considera que a televisão é capaz de educar e formar opiniões, promovendo a compreensão crítica da realidade como mediadora das relações sociais e construtora de identidades. Ao assimilar o conteúdo televisivo, o telespectador constrói sentidos e aprimora conhecimentos, desenvolvendo um senso de pertencimento. Essa visão nos permite dizer que o telejornalismo atua como mediador no processo de aprendizagem e desenvolvimento (Vygotsky, 1991), no qual o jornalista ajuda a ampliar a compreensão do público sobre questões complexas, especificamente abordagens interdisciplinar que integre o social, o simbólico, o cultural e o natural.

Nesse sentido, a Ecologia Humana pode trazer contribuições para uma prática ética e corresponsável do jornalismo, em meio à necessidade de se compreender as interações complexas entre seres humanos e a natureza, pois oferece uma perspectiva ampla, destacando a interconexão entre esses elementos e a influência mútua que exercem (Marques, 2012). Nesse sentido, as ações humanas e a cultura desempenham papéis fundamentais no entendimento das relações ecológicas e na problematização dos impactos ambientais.

A compreensão simbólica dos elementos naturais (Dardel, 2011) nos faz repensar o que é a natureza e, com isso, mudar a forma como nos relacionamos com os outros seres vivos. Esse entendimento pode ser ilustrado com a capacidade ancestral de povos tradicionais em atribuir significados profundos e transcendentais aos elementos da natureza, para a qual a concepção de natureza não é meramente uma definição abstrata,

mas uma representação de uma experiência simbólica, que abarca muito mais do que apenas o aspecto físico e utilitário.

O físico Marcelo Gleiser (2024) tece críticas ao modelo atual de civilização, que se apoia nos ideais modernos e filosofia iluminista e nos alerta para necessidade urgente de um novo paradigma em relação ao lugar que ocupamos na terra. Ele defende que existe a necessidade urgente para construir espaços de debates engajados na mediação dos problemas socioambientais que atingem nosso tempo.

Assim, o telejornalismo pode produzir sentidos sobre a interdependência de nossas vidas com a natureza. No âmbito de uma Ecologia das Mídias, destaca-se a convergência entre os preceitos da Ecologia Humana com a prática jornalística, a saber: ao produzir na linguagem telejornalística uma reportagem sobre desastres naturais, é possível evidenciar com esse acontecimento jornalístico afeta a cadeia alimentar e social, impactando empregos, economias e comunidades. Outras reportagens podem exibir as soluções que a população afetada pelas mudanças climáticas ou crises econômicas podem desenvolver no sentido dos seres humanos se adaptarem as contingências das mudanças no meio ambiente.

Além disso, o jornalismo, nas múltiplas linguagens, pode investigar as repercussões de eventos como a exploração dos recursos naturais, tido como sustentáveis, com a consequente expansão dos parques eólicos no território nacional pode causar danos à fauna, flora e ao solo. Um exemplo de narrativa construída para problematizar os impactos socioambientais é a reportagem "Implementação de parque eólico em Canudos ameaça Arara-Azul-de-Lear de extinção⁴", do estudante de Jornalismo em Múltiplos Meios Levi Varjão para a Agência Multiciência.

A reportagem, construída no âmbito do jornalismo científico, problematiza a luta das organizações não governamentais para mitigar os danos da implementação do parque eólico na rota de voo da Arara-Azul-de-Lear, cuja espécie é ameaçada de extinção. Atualmente, existem 2 mil espécimes no território. O parque foi implantado no bioma caatinga, trazendo consequências como fragmentação do habitat das aves, distúrbio e afugentamento, provocado pelo ruído e a movimentação dos aerogeradores.

A pauta da reportagem buscou trazer o elemento que poderia ser micro – a sobrevivência dessas aves – dentro de um contexto macrosocial que julga que o

⁴ Reportagem disponível no sítio: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2023/08/implementacao-de-parque-eolico-em.html>

sistema eólico pode ser sustentável ambientalmente, mas, essencialmente, é uma ameaça a vida das araras e da biodiversidade.

Assim, a partir dos exemplos citados, a Ecologia Humana pode contribuir para despertar uma consciência crítica na abordagem dos conflitos ambientais, explorando diferentes perspectivas e soluções.

A internet da floresta

Entre as principais indagações que fazemos ao longo de nossa existência três parecem pautar toda a humanidade no percurso de milhares de anos, são elas: de onde viemos? O que estamos fazendo aqui? o que somos? e para onde vamos?. Essas questões estão no cerne da consciência coletiva da humanidade e estimulam inúmeras reflexões. Contudo, também existem outras questões, que estão diretamente relacionadas a esse quadro de existência compartilhada no planeta e que envolvem outras espécies. Aqui, podemos nos referir as plantas e os animais como um sistema integrado da coexistência humana.

A reportagem exibida no *Globo Rural* desenvolve uma narrativa jornalística que busca desenvolver o argumento, através de testemunhos de repórteres, entrevistas com cientistas e defensores dos sistemas agroflorestais, de que nossa condição humana possui similaridades com as plantas. No texto audiovisual, é demonstrado um tipo de fungo, chamado “Micorriza” que, como um rizoma, promove a troca de informações, interligando toda a floresta e estimulando o que chamamos de comunidade, a ponto de estabelecerem um sistema complexo de conexões entre si. Por meio da conexão, as árvores conversam entre si, constroem memórias.

As raízes também estabelecem um sistema de defesa contra predadores, assim como a sociedade humana, competindo, como humanos, buscando um lugar ao sol, cujo *locus* de sobrevivência reside no solo, por meio dos filamentos de fungos. A narrativa telejornalística nos leva a conhecer de forma científica o que estimula a planta, como Maria Dormideira, a fechar suas folhas ao menor toque de um intruso. Por meio do estudo, demonstra-se que a planta simula uma reação semelhante ao estresse, pois, ao sentir que há uma ameaça, é como se uma corrente elétrica viajasse pelo corpo da planta, informando que há um perigo. A reportagem demonstra, por meio de pesquisador do Laboratório de Estresse e Neurofisiologia Vegetal, Ricardo Oliveira, de que as plantas são capazes de “lembrar” a respeito de atos/ações que sofrem impactos.

Afinal, as plantas têm células cerebrais? Não, mas elas sentem, são reativas aos estímulos, são capazes de lembrar, elas aprendem a partir dos processos bioquímicos. Em síntese, elas têm a capacidade de aprender.

No filme Avatar, dirigido por James Cameron, com estreia em 2009, há um raciocínio semelhante ao mostrar as conexões existentes entre os personagens humanos (avatar) com as árvores da floresta. Na ficção, humanos e árvores se conectam, estabelecendo redes de afeto e construindo memórias que podem garantir a existência humana. Isso é possível porque as conexões construídas por meio das raízes estabelecem uma intrincada rede de comunicação.

Na segunda parte da reportagem do Globo Rural, os jornalistas vão demonstrar que as árvores conversam entre si, contribuindo para a existência delas no intrincado ecossistema, por meio das células de micróbios e fungos. O texto audiovisual demonstra ainda que existe um contexto particular que simula características parecidas com a espécie humana, expressando sentimentos ditos humanos, como angústia e alegria. Assim, as plantas são seres “Sencientes”, capazes de sentir e de lembrar. Dessa forma, os animais não são apenas seres coadjuvantes do planeta, mas fazem parte de um esquema que permeia o imaginário do que julgamos existência humana.

Durand (2002, p.117) considera que o imaginário pode ser entendido como uma “uma re-presentação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente”. Assim, nessa intrincada rede de plantas que conversam entre si, podemos encontrar o fio que “costura os homens uns aos outros, independentemente de suas origens, crenças, agrupamentos sociais ou inscrições ideológicas” (Benetti, 2009, p. 288).

Trazendo a discussão para a produção de sentidos no telejornalismo, identifica-se que, através de imagens e textos, a reportagem nos aproxima da seguinte reflexão: é preciso compreender que todos somos partes de um movimento de criação, cujas conexões ainda são poucas conhecidas por nós.

Considerações

A ecologia humana pode ser um dos caminhos para se compreender a interação entre humanos e não humanos, conectados interações simbólicas e educativa, permeada pelo imaginário. Nesse sentido, existe uma tessitura simbólica que une os indivíduos em um mesmo clima; uma dimensão ambiental; uma fonte comum de modos de olhar a

realidade, de estilos de vida, de ideias de mundo, de sensibilidades, de afetos, de emoções; um substrato “que circula através da história, das culturas e dos grupos sociais” e “alimenta e faz o homem agir” (Legross et al., 2014, p. 10)

Assim, a convergência entre os estudos da Ecologia Humana e o Jornalismo pode romper os discursos tautológicos que prestigiam uma objetividade herdeira do iluminismo, que eliminou outras formas de conhecimento que não fosse científico. Defendemos, assim, que o jornalismo deve se apropriar dos estudos do imaginário para reconstituir a função de narrar histórias e construir novas interpretações. Assim, os estudos no âmbito da Ecologia das Mídias devem buscar reconstituir um trajeto antropológico para o qual tanto emissores, como receptores ajudam nessa construção de imagens e sentidos.

Ao longo dos anos, presenciamos um avanço nas discussões, que fazem referência a nossa permanência no planeta como espécie interligada a todo um ecossistema. Em outras palavras, somos todos parte de um esquema evolutivo, no qual, ao lado de plantas e animais, vivenciamos as transformações do planeta, compartilhando ou produzindo impactos, que interferem diretamente em nossa percepção do mundo.

Referências

- BENETTI, Márcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: KUNSCH, Dimas (Org.). Esfera pública, redes e jornalismo. São Paulo: Epapers, 2009, pp. 286-298
- DURAND, G. A imaginação simbólica. 1º.ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. Estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GLEISER, M. O Despertar do Universo Consciente: Um Manifesto para o Futuro da Humanidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.
- GLOBO RURAL. A incrível comunicação entre plantas, a internet da floresta. Rio de Janeiro, 2021. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=bl4ga9any1c&t=588s>. Acesso em: 28 agosto 2021
- GONÇALVES, C. W. P. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- LEGROS, P. et al. Sociologia do imaginário. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014, 2ª ed. (Coleção Imaginário Cotidiano) 287 p.
- MARQUES, Juracy. **Ecologia da alma**. Petrolina, Franciscana, 2012
- VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.